

Bernardo Soares

## SEMITIS DESILIENTIS AQUAE

Semitis [?] desilientis aquae

No ar frio da noite calma  
Bóia à vontade a minha alma,  
Quase sem querer viver  
Sente os momentos correr,  
Como uma folha no rio,  
Sente contra si o frio  
Das horas fluidas levando  
Seu inerte corpo brando.

Mais do que isto? Para quê?  
Tudo quanto o olhar vê  
A mão toca, o ouvido escuta,  
A consciência prescruta,  
É inútil que se escutasse,  
Que se visse ou se pensasse.

Entre as margens com arbustos  
Luze, na noite dos sustos,  
Só o luar repousado,  
Ao correr vago e amparado  
Do rio deixado em livre  
A alma passa, a alma vive.  
Ninguém. Só eu e o segredo  
Do luar e do arvoredo  
Que das margens causa medo.

Nada. Só a hora inútil  
Só o sacrifício fútil  
De desejar sem querer

E sem razão esquecer.

Prolixa memória, toda.  
Rio indo como uma roda,  
Noite como um lago mudo,  
E a incerteza de tudo.

Recosto-me, e a hora dorme.  
Corre-me o que a noite enorme  
Atribui à minha mágoa,  
Como um ser murmuro de água.

Ninguém; a noite e o luar.  
Nada; nem saber pensar.  
Raie o dia, ou morra eu  
Volte no oriente do céu  
O sol ou não volte mais,  
Só sempre os tédios iguais  
E as horas, calem o medo,  
Como o rio entre o arvoredos,  
De nocturna consistência,  
Com fluida, vaga insistência.  
O mal é haver consciência

8-10-1919

**Livro do Desassossego po Bernardo Soares.** Vol. II. Fernando Pessoa. (Recolha e transcrição de textos de Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização de Jacinto do Prado Coelho.) Lisboa: Ática, 1982: 270.